

EDITORIAL

Em junho deste ano, a comissão CAPES de avaliação do Qualis da área de Artes reuniu-se para a qualificação da produção bibliográfica em periódicos dos Programas de Pós-graduação, no biênio 2017-2018 e esta RT foi classificada dentro do estrato B1, o que recompensa o esforço do Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, junto com toda a equipe editorial e dos inúmeros colegas de todo o país e do exterior que nos cedem parte de seu precioso tempo para emitir pareceres sobre os trabalhos a nós submetidos, cujo número vem aumentando proporcionalmente à visibilidade da revista.

Recentemente, tivemos a honra de incluir o Dr. John Rink (Cambridge) no Conselho Científico da RT, que aceitou fazer parte deste projeto depois de passar uma semana em Ribeirão Preto, em que participou do VIII Encontro de Musicologia de Ribeirão, além de ministrar Masterclasses.

Neste número, publicamos questionamentos sobre o conceito de autonomia da obra musical — uma questão que tem aflorado nas últimas décadas com a “virada performática” da musicologia —, além de análises de obras — o que demonstra que a musicologia sistemática está tão viva quanto a jovem musicologia da performance.

Em Zomer, discute-se os desdobramentos desse tipo de estudo na perspectiva do intérprete da “música indeterminada”, em que retoma as reflexões sempre atuais de Umberto Eco em *Obra Aberta*. Palermo resgata a obra de Sexto Empírico (séculos II e III a. C.) — médico e filósofo grego que foi lido por Montaigne (1533-1592) —, em busca das origens do idealismo pregnante no pensamento musical do ocidente, contrapondo os pensamentos de Pitágoras, Platão, Aristóteles, Boécio ao do ceticismo pirrônico.

Cumboski encontra na dissonância métrica um ponto de convergência entre os diversos gêneros e estilos. Caixeta e Corvisier analisam a Sonata n. 1 para violino e piano, de Almeida Prado, no sentido da elaboração de uma performance. Soares e Ricciardi expõem exemplos de figuras retóricas em Pe. Garcia, utilizando métodos de análise adequados aos textos que tratam. O Concerto para Violino, Percussão e Cordas, de Lucas Galon, é objeto de análise de Palmezano e Caixeta, que identificam nas influências de Bartók, Stravinsky e Villa-Lobos o percurso do compositor em busca de sua própria voz.

Brandão discute a obra de Thelonious Monk como “um emblema capaz de influenciar e pautar as discussões ligadas ao jazz”.

Por fim, Souza analisa, a partir de uma perspectiva histórica, semiótica, rítmica e harmônica, a canção mineira Ganga-Zumbi, de Sérgio Santos e Paulo Cesar Pinheiro, que conta a história de Zumbi dos Palmares.

Ao empregarem o termo heideggeriano “Saga”, Marin e Castro desenvolvem a ampliação da linguagem para além de suas funções comunicativa e de significado, abrindo espaço para o não dito. O texto faz dialogar Sexto Empírico, Heidegger, Derrida e Small.

Prof. Dr. Marcos Câmara de Castro
Editor-gerente